



SEÇÃO: ARTIGO

Rebeliões urbanas em Londres através das músicas do *The Clash*

Urban riots in London through the songs of The Clash
Fernando Mendes
Coelho¹
orcid.org/0000-0001-8790-2266
fermcoelho@hotmail.com
Recebido em: 25 ago. 2020.

Aprovado em: 03 mar. 2021.

Publicado em: 12 agos. 2021.

Resumo: O final dos anos 1970 e o início dos anos 1980 marcaram a Inglaterra com as medidas neoliberais instituídas por Margaret Thatcher. Nesse contexto, as desigualdades sociais e a pobreza avançaram, principalmente nos bairros periféricos das grandes metrópoles. Em Londres a realidade não foi diferente; bairros formados por maioria de imigrantes sofriam com o desemprego e com a violência policial, além do aumento constante da população carcerária. O caos urbano teve como resultado o surgimento de revoltas populares, as quais buscarei retratar por meio de duas músicas da banda de *punk rock* chamada *The Clash*. Utilizarei as músicas *Guns of Brixton* e *London Calling* para refletir a respeito do momento histórico pelo qual passava Londres. As músicas são do ano de 1979, e a revolta popular de Brixton ocorreu no ano de 1981, porém, desde quando foi escrita a música, as tensões no bairro existiam, vindo a surgir uma grande revolta entre os dias 10 e 12 de abril de 1981. Procurarei entender como o clima urbano permitiu que as músicas retratassem de forma tão real os eventos que vieram a acontecer dois anos depois. Para isso, utilizarei como referencial teórico autores que problematizam a pós-modernidade e fazem crítica ao neoliberalismo, sobretudo em virtude das ações do governo Thatcher.

Palavras-chave: Brixton. Revolta. Neoliberalismo.

Abstract: The late 1970s and early 1980s marked England through the neoliberal measures instituted by Margaret Thatcher. In this context, social inequalities and poverty have advanced mainly in the peripheral neighborhoods of large cities. In London the reality was no different, in which neighborhoods formed by a majority of immigrants suffered from unemployment and police violence, in addition to the constant increase in the prison population. The urban chaos resulted in the appearance of popular uprisings, which we will try to portray through two songs by the punk rock band called The Clash. We will use the songs *Guns of Brixton* and *London Calling* to reflect on the historical moment that London was going through. The songs are from the year 1979, and the popular revolt of Brixton occurred in the year 1981, however, since when the music was written, tensions in the neighborhood existed, and a great revolt arose between the 10th and 12th of April 1981. I will try to understand how the urban climate allowed the songs to portray the events that happened two years later in such a real way, for this, I will use as a theoretical reference authors who problematize postmodernity and criticize neoliberalism, especially due to the actions Thatcher government.

Keywords: Brixton. Revolt. Neoliberalismo.

Introdução

As músicas podem retratar tensões sociais e evidenciar descontentamentos sociais. Essa é uma característica da cultura, com a possibilidade de expressar tudo que está causando desconforto na sociedade por meio da arte. Dessa forma, utilizarei duas músicas da banda de *punk rock* chamada *The Clash*, ambas do ano de 1979, para retratar o cenário



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, Brasil.

pelo qual a cidade de Londres passava com o governo da "Dama de Ferro" Margaret Thatcher, a qual imprimiu uma política neoliberal para a Inglaterra em um momento de agudização de uma crise econômica pela qual o país passava e levou ao aumento do desemprego e da pobreza. Esse cenário originou uma série de descontentamentos sociais e aumento do Estado policial. Loic Wacquant (1999) mostra que, na medida em que o neoliberalismo avança, as funções do Estado que antes eram concentradas na economia passam a ser concentradas na repressão policial e na punição. Nesse cenário, aumentam os confrontos entre movimentos sociais urbanos e a polícia, bem como ocorre uma elevação da população carcerária. A primeira música selecionada é *Guns of Brixton*, essencial para entendermos as condições sociais existentes no bairro de Brixton, na periferia de Londres, uma localidade em que a maioria da população era formada por afro-caribenhos e vivia desde os anos 1970 sob a repressão policial. Brixton era a imagem dos males causados pelas políticas neoliberais, já que a população vivia os males da depreciação urbana e sofria com o desemprego e a violência. As taxas de crimes cometidos em Brixton eram altas, assim como as prisões de moradores por parte da polícia, até ocorrer o estopim da crise em abril de 1981, com uma grande revolta que retratarei em uma seção específica deste artigo.

A segunda música selecionada é *London Calling*, ou seja, Londres chamando os excluídos para se aglutinarem e buscarem uma revolução. O teor da banda *The Clash*, fazendo jus ao estilo *punk rock*, é agressivo e remete a expressões anárquicas contra a ordem instituída. A partir dessas considerações, irei dividir o texto em seis partes. Na primeira farei uma breve discussão teórica/metodológica sobre a utilização de letras de música como fonte histórica. Na segunda parte, discutirei o momento histórico do governo Margaret Thatcher. Na terceira apresentarei a dicotomia do neoliberalismo do Estado mínimo na economia, mas máximo na repressão e na punição. Na quarta parte, abordarei os embates entre polícia e população no bairro de Brixton. Nas duas últimas partes, trarei as músicas *Guns of Brixton* e *London*

Calling como forma de ilustrar como as tensões existentes na periferia de Londres inspiraram e foram retratadas na letra das músicas.

Letras de música como fonte histórica

Com a emergência da História cultural a partir dos anos 1980, novas fontes passaram a ser objeto de análise histórica. O avanço sobre as subjetividades e múltiplas formas de abordagens permitiu não apenas o aporte de novas fontes e novos problemas históricos, mas também a interdisciplinaridade da História com outras ciências. Nesse contexto está inserido o uso das músicas como fontes históricas. De acordo com Daniel Dória Possollo Carrijo: "a música é fruto da experiência ambiental dos indivíduos, uma forma de expressão das suas subjetividades frente ao contexto em que está inserido" (CARRIJO, 2020, p. 41). A citação situa a música como uma experiência histórica, em que está envolvido o sujeito e o contexto no qual a música é produzida e a natureza do seu conteúdo. Complementando o posicionamento da Carrijo, Marcos Napolitano, na sua obra *História & Música*, a qual pretendo usar nesta seção, coloca a música como uma ponte para pensar a sociedade e a história:

"Se você tiver uma boa ideia, é melhor fazer uma canção", já disse um famoso compositor brasileiro. Mas além de ser veículo para uma boa ideia, a canção (e a música popular como um todo) também ajuda a pensar a sociedade e a história. A música não é apenas "boa para ouvir", mas também é "boa para pensar". O desafio básico de todo pesquisador que se propõe a pensar a música popular, do crítico mais ranzinza até o mais indulgente "fã-pesquisador", é sistematizar uma abordagem que faça jus a estas duas facetas da experiência musical. (NAPOLITANO, 2002, p. 8).

Napolitano fala das duas facetas da experiência musical, ou seja, ela precisa ser boa para ouvir, como deve ser da mesma forma boa para pensar. Essa reflexão colocada na citação pode servir para analisar o papel das músicas do *The Clash* dentro do contexto que busco trabalhar neste artigo. As músicas foram produzidas dois anos antes dos conflitos em Brixton ocorrerem, mostrando que o cenário social para sua eclosão já estava sendo percebido pelos autores

da música. Soa profético o conteúdo de *Guns of Brixton*, mas as tensões sociais estavam se configurando para uma situação insustentável, a qual foi capturada nessa letra.

José D'Assunção Barros estabelece também relações entre a música e a história que não podemos negligenciar dentro da abordagem que se refere à utilização de músicas como fontes históricas:

Quero considerar alguns tipos de interação potencialmente inscritos na relação Música-História. (1) a música como objeto de estudo para a História (a História da Música, por exemplo); (2) a música como fonte histórica que pode ser utilizada pelos historiadores (isto é, os documentos sonoros e realizações musicais como fontes para que os historiadores possam estudar aspectos diversos da história, e não apenas, necessariamente, a história da música); (3) a música como meio possível para encaminhar representações da História (obras musicais tematizando a história como universo de acontecimentos, ou mesmo obras musicais que tomem para si a tarefa de falar sobre a História, agora entendida como campo de saber); (4), por fim, a Música como campo de saber ou de possibilidades que pode contribuir significativamente para uma renovação da própria História como disciplina ou campo de conhecimento. (BARROS, 2018, p. 25-26).

O item número 2 apresentado por Barros pode ser usado como marco metodológico para o objeto de pesquisa deste artigo, considerando que as músicas do *The Clash* contribuem para o entendimento de um fenômeno histórico que transcendia o contexto musical, já que a música refletia as tensões que a sociedade inglesa estava vivendo.

Retornando ao texto de Marcos Napolitano, existe uma reflexão na qual o autor separa alguns momentos de crise e mudança na música popular, sendo o terceiro momento o recorrente após a Segunda Guerra Mundial.

O terceiro momento de "crise" e mudança na música popular, vem depois da II Guerra mundial, com o advento do rock'n roll e da cultura pop, como um todo. O jazz também sofre mudanças (BeBop, Free Jazz etc.). A experiência musical é o espaço de um exercício de "liberdade" criativa e de comportamento, ao mesmo tempo em que se busca a "autenticidade" das formas culturais e musicais, categorias importantes para entender a rebelião de setores jovens, sobretudo oriundos das classes trabalhadoras inglesas ou da baixa classe média americana (NAPOLITANO, 2002, p. 9).

Este artigo se refere ao terceiro momento apontado por Marcos Napolitano. Na descrição apresentada, é possível identificar a experiência musical como exercício da liberdade por parte dos adeptos do *rock and roll*, permitindo o surgimento da cena musical do *punk rock* durante os anos 1970. A rebelião dos setores jovens em que o autor cita a cena inglesa é o retrato do movimento *punk* que se iniciou nos Estados Unidos e, em seguida, surgiu na Inglaterra com bandas de expressão, como *Sex Pistols* e o próprio *The Clash*. Os jovens oriundos das classes trabalhadoras representavam os estratos menos privilegiados da sociedade inglesa, tornando-se os mais afetados pelas políticas econômicas restritivas por parte do governo e pela crise econômica pela qual passava a Inglaterra no período, como veremos nas próximas seções. A argumentação de Marcos Napolitano segue adotando como referências as contribuições de Stuart Hall e Paddy Whannel ao citar um conceito autodenominado geração jovem, que se combinava com o conceito de subcultura:

Stuart Hall e Paddy Whannel, em 1964, desenvolveram o conceito, enfatizando os grupos minoritários que se autodenominavam "geração jovem", identificados como uma "minorias criativa", questionadores das convenções sociais e da moralidade burguesa (os autores estavam estudando a sociabilidade em torno da música pop inglesa). O conceito de "subcultura" combinava novas atitudes, comportamentos sociais e valores sexuais, ligando este complexo a várias expressões de radicalismo "anti-establishment" que, por sua vez, estavam diretamente conectadas com o consumo musical, particularmente com o folk, blues e rock music. Os autores sublinham a existência de uma tensão constante entre os provedores musicais (indústria) e as respostas e interpretações das audiências (ligadas às subculturas radicais). (NAPOLITANO, 2002, p. 20).

O consumo do *rock* está ligado ao comportamento dos jovens em direção a valores anti-establishment. Os valores adotados são contrários ao conservadorismo, o que na Grã-Bretanha remete a uma aversão à época vitoriana ou às políticas do Estado que privilegiam a burguesia urbana, industrial e política. A abordagem de Marcos Napolitano também adota uma tipologia de valores envolvidos numa canção, citando Middleton, valores que são interessantes para identificar como se enquadram

as músicas *London Calling* e *Guns of Brixton* dentro das funções da linguagem proposta:

Middleton propõe uma tipologia de valores envolvidos numa canção, com base nas funções da linguagem propostas por Roman Jakobson (MIDDLETON, 1990, p.253):

- Valores comunicativos: a música diz alguma coisa, similar às funções emotiva e referencial de R. Jakobson.

- Valores rituais: criação de solidariedade, consciência dos problemas cotidianos etc... Função fática.

- Valores técnicos: explicitam como a música é feita, tornam familiar seus códigos, normas e fórmulas. Função metalingüística.

- Valores eróticos: música envolve, energiza e estrutura o corpo, sua superfície, músculos, gestos e desejos. Função conativa.

- Valores políticos: podem ser expressão de identidade (opositora ao sistema) ou de protesto, estrito senso (denúncia de algo). No primeiro caso, função fática. No segundo, emotiva e referencial. (NAPOLITANO, 2002, p. 71).

A respeito dos valores comunicativos, as músicas dizem respeito às tensões sociais presentes na Grã-Bretanha no período histórico em que está inserida. Os valores rituais correspondem aos valores comunicativos, com a diferença de criarem um apelo à ação; enquanto os valores comunicativos correspondem ao conteúdo das músicas, os valores rituais são um convite para a ação. No que se refere aos valores técnicos, temos o conceito no qual a música está inserida. *Guns of Brixton* e *London Calling* fazem parte do gênero *punk rock*, marcado por poucos acordes com uma execução mais simples, porém com muita energia. Os valores eróticos envolvem a evocação da energia que a música transmite para o público que a acolhe. É a energização do corpo para a ação, não só para a dança, mas também para a aglutinação e movimentação em torno do chamado para o protesto. Os valores políticos estão presentes no fato de as músicas apresentarem a contestação ao modelo político e econômico vigente, alertando para a crise econômica e para o abandono do Estado em relação aos menos favorecidos.

Crise na Grã-Bretanha e o governo Thatcher

É um desafio pensar os múltiplos efeitos da pós-modernidade na sociedade mundial durante a passagem dos anos 1970 para os anos 1980. Um dos principais efeitos foi o surgimento de governos conservadores e de direita em vários locais do mundo, os quais adotaram como doutrina econômica o neoliberalismo. Nesse contexto, as reformas econômicas foram nocivas para os estratos sociais menos favorecidos, tendo como principais representantes nos países desenvolvidos do capitalismo Ronald Reagan, nos Estados Unidos, e Margaret Thatcher, na Grã-Bretanha².

Sobre o caso da Grã-Bretanha, Margaret Thatcher iniciou um período em que os valores neoliberais estavam aflorados em suas políticas governamentais. A ideologia que envolvia esses valores ficou conhecida como *thatcherismo*:

"Thatcherismo" significava diversas coisas: redução de impostos, livre mercado, livre-iniciativa, privatização de indústrias e serviços, "valores vitorianos", patriotismo, "o indivíduo". Algumas dessas questões — as políticas econômicas — configuravam extensões de propostas que já circulavam tanto em meios conservadores quanto trabalhistas. Outras, principalmente, os temas "morais", eram mais populares entre conservadores pertencentes a comunidades rurais do que entre o eleitorado como um todo. Mas foram questões que surgiram após uma reação contra o libertarianismo dos anos 60, e agradaram a muitos admiradores de Mrs. Thatcher, tanto na classe operária quanto na classe média: homens e mulheres que jamais tinham se sentido à vontade em companhia da intelectualidade progressista que dominava os interesses públicos naqueles anos. Mas, acima de tudo, *thatcherismo* significava "governo firme". No final dos anos 70, discutia-se muito a suposta "ingovernabilidade" da Grã-Bretanha, a percepção generalizada de que a classe política perdera o controle, não apenas da política econômica, mas do local de trabalho e até das ruas. O Partido Trabalhista, tradicionalmente vulnerável à imputação de ser incapaz de dirigir a economia, agora, depois do "Inverno do Descontentamento", via-se exposto à acusação de ser incapaz de dirigir o Estado. (JUDT, 2007, p. 402-403).

O *thatcherismo* era um conjunto de valores que ligavam a esfera econômica à esfera moral,

² Governos da direita ideológica, comprometidos com uma forma extrema de egoísmo comercial e *laissez-faire*, chegaram ao poder em vários países por volta de 1980. Entre esses, Reagan e a confiante e temível sra. Thatcher na Grã-Bretanha (1979-1990) eram os mais destacados. Para essa nova direita, o capitalismo assistencialista patrocinado pelo Estado das décadas de 1950 e 1960, não mais escolhido, desde 1973, pelo sucesso econômico, sempre havia parecido uma subvariedade de socialismo ("a estrada para a servidão", como a chamava o economista e ideólogo Von Hayek) da qual, em sua ótica, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas era o lógico produto final. (HOBSBAWN, 1995, p. 245).

estabelecendo uma união entre conservadorismo e liberalismo econômico. Nesse contexto de exaltação dos valores do livre mercado e valorização do indivíduo, as formas de coletivismo foram enfraquecidas, sendo a principal delas os sindicatos trabalhistas. O governo firme de Thatcher recaía apenas nas camadas populares e nos trabalhadores precarizados da Inglaterra.

Tomarei como menção neste artigo as ebulições sociais que ocorreram na Grã-Bretanha durante o período relatado. Para tal objetivo, buscarei em duas músicas do *The Clash* elementos que ilustram essas tensões históricas, realçando as mazelas de cidades industriais no que se referem à guetização e precarização nos grandes centros urbanos, que levaram a movimentos de contestação e enfrentamento às autoridades policiais. Nesse contexto de ampliação do Estado punitivo e repressivo, caminha junto a individualização neoliberal. O movimento de exclusão do Estado em relação aos problemas das periferias levou Brixton e Londres a uma série de movimentos sociais que contrariavam a ordem econômica e social vigente. Dessa forma, é necessário fazer uma contextualização do momento político e econômico inglês para compreendermos as motivações que levaram à escrita das letras de *London Calling* e *Guns of Brixton*.

A banda *The Clash* surgiu no ano de 1976, na chamada primeira onda do *punk rock* inglês. As músicas que utilizarei neste artigo para ilustrar os efeitos nefastos do neoliberalismo nas cidades e na sociedade pós-modernas fazem parte do terceiro álbum da banda, com o título de *London Calling*, lançado no ano de 1979 e considerado o álbum de maior sucesso da banda e uma obra prima do *rock* mundial. O teor do álbum expressa as incertezas, as mazelas sociais e emocionais de classes populares que não possuíam alternativa senão gritar contra as políticas funestas do governo de Margaret Thatcher. Como ilustrarei, a música *Guns of Brixton* antecipou a eclosão de tensões na localidade de Brixton, na qual populações suburbanas de bairros de imigrantes, principalmente jamaicanos, manifestavam-se a favor de igualdade, porém eram fortemente reprimidos pelas autoridades policiais, demonstrando uma

das principais formas de intervenção do Estado no neoliberalismo, que é o Estado policial.

A sociedade inglesa vivia uma crise econômica oriunda de meados dos anos 1970, com a crise do petróleo. A citada crise colocou em xeque políticas de intervenção estatal, conhecidas como keynesianismo, ou Estado de bem-estar social, fazendo ruir as políticas econômicas firmadas no pós-guerra com a Conferência de Bretton Woods.

Sobre a oposição firmada contra o Estado de bem-estar social e a eleição de Thatcher em 1979, Alencar aponta que:

A crise econômica dos anos 1970 e a eleição de Margaret Thatcher em 1979 se deram, portanto, num contexto em que as políticas de bem-estar social passaram a sofrer severa oposição por parte do próprio partido que as estabeleceram no imediato pós-guerra. As três décadas anteriores foram vistas pelos conservadores como as causadoras da estagnação econômica britânica e de sua baixa produtividade, comparativamente aos países centrais capitalistas. Para esses opositores, era necessário quebrar com o poder sindical, espinha dorsal do edifício do bem-estar erigido nas décadas anteriores. Uma intensa campanha ideológico-midiática passou a atacar de frente o movimento sindical e seu estatuto jurídico, visto como altamente permissivo pelos setores conservadores burgueses. (ALENCAR, 2017, p. 75).

O combate aos sindicatos foi a principal preocupação do novo governo. Para Thatcher, todo mal oriundo da crise era resultado de políticas sindicais de exigência de maiores salários, o que dentro do pensamento neoliberal desregularia a livre força de mercado, fazendo com que os preços aumentassem. No entanto, se na teoria neoliberal temos que os sindicatos alteram o equilíbrio dos salários, o que temos na realidade é uma luta de classes envolvendo duas forças antagônicas. Os sindicatos buscam um aumento de igualdade perante grupos empresariais, que tentam ampliar a exploração com a precarização dos salários, de direitos e condições de trabalho. A crise que a Grã-Bretanha enfrentou ocorreu em razão de um esgotamento do sistema capitalista, oriundo da interrupção e do aumento do preço de insumos básicos, como o petróleo, e não como resultado de ações dos sindicatos. Porém os sindicatos foram colocados como vilões pela Primeira-Ministra Margaret Thatcher.

Mrs. Thatcher destruiu para sempre a influência pública exercida pelos sindicatos britânicos, aprovando leis que limitavam a capacidade de os líderes sindicais organizarem greves e, em seguida, fiscalizando o cumprimento de tais leis pelos tribunais. Em 1984–1985, durante um confronto bastante simbólico entre o Estado poderoso e uma malfadada comunidade de proletários da indústria, a primeira-ministra esmagou uma iniciativa violenta e emocional do Sindicato Nacional dos Mineradores que visava boicotar a política governamental de fechamento de minas ineficientes e suspensão de subsídios à indústria local. (JUDT, 2007, p. 405).

A perseguição aos sindicatos era uma prática do governo Thatcher, indo desde aprovação de leis que limitavam a organização de greves, levando a confrontos entre Estado e proletários da indústria, até o embate ocorrido em meados dos anos 1980 com o Sindicato Nacional dos Mineradores. A atuação de um governo forte contra os proletários e os sindicatos mostra o compromisso de uma neoliberalização do econômico. As medidas de retirada do Estado da economia contrastam com a presença forte do Estado na elaboração de leis e na fiscalização contra qualquer forma de organização popular que fosse contra aos valores conservadores e liberais defendidos pela “Dama de Ferro”.

Na sociologia do trabalho, temos a importante obra de Ricardo Antunes, intitulada *Neoliberalismo, Trabalho e Sindicatos*, em que o autor faz uma análise da reestruturação produtiva no Brasil e na Inglaterra no período no qual estamos concentrados. O autor aborda o novo contexto do sindicalismo inglês a partir de 1979, relatando as tensões e desilusões dos sindicatos com o governo de Margaret Thatcher.

A partir de 1979, os sindicatos enfrentaram mudanças qualitativas no contexto em que se organizavam. O controle do Estado por parte de forças políticas antagônicas minou sua resposta aos descobrimentos potencialmente corrosivos da economia e do mercado de trabalho, ao mesmo tempo municiando a oposição dos patrões na negociação coletiva. A consequência foi o ambiente menos receptivo ao sindicalismo desde 1945. (ANTUNES, 1997, p. 44).

Iniciei a abordagem falando do combate dos sindicatos por Thatcher por dois motivos principais. O primeiro deles é que a pós-modernidade tem como característica a individualização dos sujeitos e a fragmentação de pautas sociais. O que acontece com os sindicatos ingleses, principalmente com o sindicato dos mineiros, é uma ressonância das políticas econômicas neoliberais para limitar os movimentos sociais e as pautas dos trabalhadores. Não é por acaso que os sindicatos tiveram mais de 30 anos de crescimento e coalização, mas, passando a era de ouro do capitalismo do bem-estar social, o modelo que se contrapunha buscou desconstruir qualquer tipo de ação coletiva sob o discurso de que essas políticas resultaram na crise pela qual o mundo passava no final dos anos 1970³. O segundo motivo é que o enfraquecimento dos sindicatos leva a um aumento do desemprego e à diminuição dos salários, ocasionando, como efeito colateral, o aumento da pobreza e dos guetos. A realidade de cidades operárias e cidades que recebiam muitos imigrantes foi que essa massa de populações precarizadas passou a exigir do governo mais ações para seu reconhecimento. Em localidades como Brixton, a comunidade jamaicana foi deixada de lado, sofrendo os impactos das políticas neoliberais, bem como uma tentativa de o Estado usar sua força sem respeitar a identidade étnica daquela população nem seus direitos básicos.

O domínio exercido pela burguesia das grandes cidades, com o apoio do Estado, é um traço da dominação neoliberal, ou seja, além de retirar os direitos da população, passa a criminalizar os que não se enquadram no sistema:

Faz parte do modo de dominar da burguesia fracionar e delimitar, principalmente através dos aparelhos de Estado, as lutas dos subalternos, dar-lhes uma direção que não lhes é originária. Era fundamental, portanto, eliminar e criminalizar qualquer tipo de luta que de alguma forma unisse trabalhadores de diferentes fábricas e áreas da produção. (ALENCAR, 2017, p. 81).

³ Por que deveria a economia mundial ter-se tornado menos estável? Como observaram economistas, os elementos que estabilizavam a economia eram de fato mais fortes então que antes, embora governos de livre mercado, como os dos presidentes Reagan e Bush, nos Estados Unidos, e da Sra. Margaret Thatcher e de seu sucessor, na Grã-Bretanha, tentassem enfraquecer alguns deles. (HOBSBAWN, 1995, p. 394).

Era óbvio o objetivo de Margaret Thatcher em destruir qualquer tipo de coletivização, tanto sindicatos quanto mobilizações sociais. Para ela não deveria existir o coletivo, mas apenas os indivíduos⁴. Fazer as pessoas pensarem em si próprias é uma das premissas do pensamento neoliberal, existindo a crença do empreendedor de si mesmo. A descoletivização é um sintoma da pós-modernidade; as pessoas não consideram fazer parte de uma organização para enfrentar as mazelas do livre mercado e as desigualdades sociais, mas sim se atomizam no sentido de competir uma com as outras, introjetando subjetividades que, em vez de singularizarem suas ações, homogeneizam e naturalizam a competição como se fosse algo natural. O capitalismo do último quarto do século XX foi um marco desse pensamento, pois a cultura de consumo em massa trouxe novas percepções egoístas de mundo, nas quais a necessidade de consumir superava a solidariedade entre os sujeitos. O sucesso é mérito apenas do indivíduo, e qualquer forma de intervenção na livre iniciativa é nociva ao empreendedor de si, e o fracasso dos outros é creditado exclusivamente ao próprio sujeito que não teve capacidade de competir no mercado de trabalho ou não se especializou o suficiente para se tornar um capital humano que pudesse ser utilizado pelas grandes corporações.

A dimensão do sujeito livre para empreender e vender sua força de trabalho como um capital humano competitivo também vale para os governos, que deveriam privatizar e desregular a economia no sentido que os fluxos de capitais e de trabalho pudessem fluir de forma eficaz. As ações de Margaret Thatcher foram pioneiras nesse sentido, combatendo os sindicatos ingleses:

A partir de tais programas e da ação pioneira da "Dama de Ferro", privatizar e desregular passaram a ser regras de comportamento para governos 'modernos' e 'livres'. Thatcher também foi um exemplo de radicalismo e inflexibilidade, o que lhe valeu esse apelido, Dama de Ferro. É conhecida a sua declaração, frente à greve dos mineiros ingleses; posso até quebrar a Inglaterra, se isso for o preço para vencer esse sindicato. Seus adversários costumam dizer que conseguiu os dois objetivos. O sindicato nunca mais foi o mesmo. Quanto à Inglaterra, seguiu uma trajetória clara de desfiguração, tanto no plano doméstico quanto na política externa. (MORAES, 2013, p. 21).

A "Dama de Ferro" preferiu impor severas políticas que empobreceram a população em troca do enfraquecimento do sindicato dos mineiros. Foi uma escolha infeliz, pois acentuou as desigualdades sociais na Inglaterra, causando o descontentamento da classe trabalhadora e das populações das periferias das cidades. Os críticos do modelo da inflexível e radical Margaret Thatcher pronunciaram que as políticas neoliberais causaram um empobrecimento generalizado, fazendo com que a Inglaterra se tornasse, de certa forma, uma cópia piorada da sociedade americana, replicando suas desigualdades sociais. No plano externo houve prejuízo, pois a crise econômica trouxe desconfiança para os países que estabeleciam relações comerciais com a Grã-Bretanha⁵. O neoliberalismo parecia não proporcionar a liberdade dos sujeitos, mas sim uma aglutinação da pobreza, caracterizada na figura dos guetos⁶.

As ações de Margaret Thatcher foram maiores do que simplesmente destruir o sindicato dos mineiros, pois o modelo neoliberal que seguiu nos anos 1980 foi nocivo tanto para países centrais do capitalismo quanto para os periféricos⁷. Mais do que fragmentar e individualizar as pessoas e

⁴ A extensão da influência da economia neoclássica que, em sociedades seculares ocidentais, foi tomando cada vez mais o lugar da teologia e (via hegemonia cultural dos Estados Unidos) a influência da ultraindividualista jurisprudência americana encorajaram essa retórica. Ela encontrou expressão política na Primeira-Ministra britânica Margaret Thatcher: "Não há sociedade, só indivíduos". (HOBBS-BAWN, 1995, p. 330).

⁵ Apesar do protagonismo de Thatcher e da pompa da casa real, a Inglaterra, que já era um leão decadente, foi cada vez mais empurrada a secundar a política externa americana, papel excelentemente desenvolvido pelo sucessor e opositor de Thatcher, Tony Blair, uma espécie de mordomo de luxo de George W. Bush. E a sociedade inglesa, em várias de suas dimensões, foi ficando cada vez mais parecida a uma cópia piorada da sociedade americana, com suas desigualdades gritantes, sua dívida pública estratosférica, e assim por diante. (MORAES, 2013, p. 21).

⁶ As consequências dessas desregulações ou liberações foram nitidas. Uma delas, o aumento da desigualdade e uma inédita ampliação da pobreza, de uma pobreza estrutural e encardida, sem esperança de reversão. (MORAES, 2013, p. 23).

⁷ Essa foi a vitória de Thatcher: "quebro a Inglaterra, mas liquido o sindicato dos mineiros", não esqueçamos essa frase. Esse movimento reacionário prepara a emergência de um mundo sinistro: apatia política, desilusões e desmoralizações ideológicas, insegurança econômica e atomização social. (MORAES, 2013, p. 27).

criar necessidades dispensáveis do consumo em massa, a herança pós-moderna do neoliberalismo trouxe a pobreza e acentuou o preconceito contra aqueles que não conseguem se inserir na sociedade do consumo. O modelo neoliberal quer capital humano (pessoas especializadas e robotizadas), capital produtivo e sujeitos que possuam renda para consumir os produtos das grandes corporações. Quem não se enquadra nesse sistema normalmente está fadado a ser vítima da violência do Estado, com a forte imposição do Estado policial para suprimir a pobreza das grandes cidades por meio da violência. Sobre essa questão, no próximo tópico irei tratar de forma breve como o neoliberalismo forma uma espécie de violência pós-moderna, na qual até o ambiente carcerário vira produto do mercado.

Estado mínimo na economia e máximo na punição

Uma das principais características do neoliberalismo é o aumento da repressão e do Estado policial para manutenção dos privilégios das elites econômicas. O governo de Margaret Thatcher foi um bom exemplo dessa nova dinâmica, pois, quando pensamos sobre os fatos ocorridos na localidade de Brixton, os quais detalharei na próxima seção, devemos ter em mente que a violência policial estava se acentuando ao reprimir as minorias para garantir o bem-estar das elites. É quase como uma faxina social. Para garantir a opulência dos grandes centros urbanos, a atuação do governo se volta para as áreas periféricas. Nesse quesito, aumentam as operações policiais em favelas e aumentam e a privatizam os presídios, para receber parte da população marginalizada. O crime organizado cresce em resposta ao descompromisso do Estado com as questões sociais, fazendo surgir nos perímetros urbanos que recebem imigrantes ou que se tornam bairros pobres um poder paralelo para suprir a população das necessidades não satisfeitas. Onde o Estado pós-moderno não chega, percebemos as mazelas de uma parte da população que não se adequa ao modelo do capitalismo consumista traço da pós-modernidade.

A mão do Estado que antes proporcionava

bem-estar agora retira o amparo, e mais do que retirar o amparo, julga o pobre e executa por meio do aparato policial operações de limpeza, nas quais não raras vezes imigrantes e pobres são assassinados ou presos. Dessa forma o cenário inglês reproduziu o mesmo sistema norte-americano oriundo das desigualdades sociais em países centrais do capitalismo, que caminhava para uma urbanização caótica típica das cidades pós-modernas. Loic Wacquant enumera uma série de medidas adotadas pelo Estado policial para reprimir os excluídos das cidades inglesas:

Assim, propaga-se na Europa um *novo senso comum penal neoliberal* – sobre o qual vimos precedentemente como atravessou o Atlântico – pelo viés de uma rede de “geradores de ideias” neoconservadoras e de seus aliados nos campos burocrático, jornalístico e acadêmico, – articulado em torno da maior repressão dos delitos menores e das simples infrações (com o slogan, tão sonoro como oco, da “tolerância zero”), o agravamento das penas, a erosão da especificidade do tratamento da delinquência juvenil, a vigilância em cima das populações e dos territórios considerados “de risco”, a desregulamentação da administração penitenciária e a redefinição da divisão do trabalho entre público e privado, em perfeita harmonia com o senso comum neoliberal em matéria econômica e social, que ele completa e conforta desdenhando qualquer consideração de ordem política e cívica para estender a linha de raciocínio economicista, o imperativo da responsabilidade individual – cujo avesso é irresponsabilidade coletiva – e o dogma da eficiência do mercado ao domínio do crime e do castigo. (WACQUANT, 1999, p. 89).

Wacquant apresenta o novo senso comum penal neoliberal, que adentra a subjetividade da população privilegiada, sobretudo elites e classes médias que estão inseridas na lógica de acumulação neoliberal e se baseiam em valores conservadores e apoiadores da direita política. Surge nesses estratos sociais a ideia da meritocracia; essas pessoas acreditam que cada um, com suas próprias energias e habilidades, pode elevar-se socialmente, mas desconhecem as mazelas pelas quais passam os moradores das regiões pobres. Enquanto os abastados pediam a saída do Estado de bem-estar social, reforçavam o coro da tolerância zero, representando um *slogan* marcante para o período no qual qualquer infração penal era um delito indesculpável a ser punido

com a perda da liberdade. Com a privatização das prisões, a política de tolerância zero ganhou mais força, pois quanto mais presos o sistema prisional comporta, maior é a verba destinada pelo Estado para a manutenção de prisões privadas. A força policial se tornou um negócio rentável para os donos dos presídios, que viam a cada ano a população carcerária aumentar, e, com o aumento da população carcerária, aumentavam também os "clientes", ou seja, os presos que enchiam as celas em presídios que seguiam a lógica do mercado de maximização de lucro. O resultado eram celas lotadas e o reforço policial nas ruas para "limpar" a criminalidade e potencializar a absorção de presos pelo rentoso negócio das prisões.

Loic Wacquant bem sinaliza os efeitos do aumento do Estado policial em detrimento do Estado de bem-estar, com a intensificação da delinquência juvenil e o aumento da vigilância dos bairros considerados de risco. Mas para quem era o risco? Naturalmente, o risco era para as pessoas de "bem", inseridas na lógica de mercado, as mesmas que reclamam dos distributivismos estatais e que pedem para o Estado "limpar" a sujeira dos bairros periféricos das grandes cidades.

Margaret Thatcher intensificou esse modelo de gestão carcerária, e, durante os embates policiais em Brixton e o aumento da delinquência em Londres, o destino dos jovens que eram infratores ou que se envolveram em violentas manifestações policiais deveria ser a morte ou a prisão. O mundo pós-moderno criou essas mutações na percepção dos sujeitos a respeito dos indesejáveis, tampando os olhos para as diferenças entre as oportunidades e as heterogeneidades estruturais presentes nas cidades, em que ilhas de prosperidade eram cercadas por bolsões de miséria oriundas da crise econômica. O Estado policial britânico seguiu os mesmos passos dos Estados Unidos, aumentando muito a sua população carcerária.

Até o sistema carcerário britânico foi ficando meio "ianque", distanciando-se dos padrões e dimensões dominantes na Europa. Mas há vários modos de medir o "sucesso" e de defini-lo e, por isso, Thatcher também foi sendo

copiada e imitada em diversos quadrantes do mundo, inclusive no Brasil, onde inspirou numerosos agentes de reformas econômicas, reforma do estado, reformas dos serviços públicos, etc. A ironia da história é que alguns desses "reformadores do Estado", anos mais tarde, iriam se arrepender e vestir a camisa de um "neodesenvolvimentismo" vago e prolixo. Talvez esteja aí outro dos legados de Madame Thatcher. (MORAES, 2013, p. 21-22).

O modelo de gestão prisional neoliberal seguiu, durante os anos 1980, um crescimento constante que perdurou até o início dos anos 1990, quando a situação ficou insustentável e a violência das ruas passou para dentro dos presídios, com diversos históricos de rebeliões carcerárias. De acordo com Loic Wacquant:

A população penitenciária da Inglaterra e do País de Gales aumentou lenta mas regularmente sob os governos de Margaret Thatcher, antes de cair notavelmente de 1990 a 1993 como decorrência da lei sobre a justiça criminal de 1991, provocada por uma onda de rebeliões carcerárias espetaculares. (WACQUANT, 1999, p. 89).

Nesse contexto, apresentamos a tônica que marcou os anos 1980 e, dentro da Inglaterra, as políticas carcerárias de Margaret Thatcher, para assim entendermos o contexto histórico que levou aos descontentamentos em Brixton e Londres impressos nas músicas da banda de *punk rock* *The Clash*. A união da crise econômica dos anos 1970 com as incertezas perante o petróleo e as políticas neoliberais levaram a ebulições sociais nas quais aumentou o preconceito das classes abastadas para com os imigrantes e pobres, somado ao desamparo social do Estado, que trocou a mão que promovia o bem-estar pela mão pesada do Estado policial. Essas são as principais mudanças que o capitalismo pós-moderno levou para dentro das grandes cidades inglesas.

No próximo tópico, abordarei as revoltas na localidade de Brixton. Com a contextualização da revolta, ampliamos os subsídios para discutir o resultado da precarização das cidades e a reação das populações vítimas do modelo neoliberal, que eclodem como resultado da pressão exercida pelas políticas neoliberais que minam os direitos e a dignidade dos sujeitos.

Os combates em Brixton

Os motins urbanos são revoltas sociais que ocorrem em razão da precarização da vida das pessoas, normalmente em grandes cidades que se deterioram com o avanço do capitalismo industrial e financeiro. Aos poucos, ilhas de riqueza são cercadas por bolsões de pobreza, resultando em descontentamentos por parte das classes trabalhadoras e desempregados no que se refere às condições dos bairros operários e de imigrantes. A deterioração urbana em virtude das desigualdades sociais pode ser expressa em discriminação racial e social, aumento das taxas de desemprego, pobreza, escolas e hospitais sem estruturas para atender a população, aumento do Estado policial nas áreas periféricas e inadequação das moradias. As revoltas urbanas na Inglaterra foram recorrentes em meados da segunda metade do século XX, havendo violentos confrontos entre a população e a polícia.

A revista *Time* noticiou no dia 11 de abril de 1981 o que ficou conhecido como Sábado Sangrento, resultado do confronto entre a polícia e manifestantes do bairro de Lambeth, sul de Londres entre 10 e 12 de abril. O bairro de Lambeth é localizado em Brixton, uma área metropolitana da cidade de Londres⁸. A revista noticiou que foram 280 feridos, entre eles imigrantes jamaicanos e 45 policiais. Quase 150 edifícios foram depredados. A polícia teve 56 veículos queimados e efetuou 82 prisões. Dados do confronto estimam que houve um envolvimento de quase 5 mil pessoas⁹.

Brixton vivia todas as mazelas que uma região periférica enfrentava e que relatei anteriormente, sofrendo com os reflexos da recessão dos anos 1970 e com o governo neoliberal da Margaret Thatcher, hostil à comunidade afro-caribenha que vivia no local. As tensões entre a polícia e a população local estavam em ebulição meses antes dos confrontos de abril. No mês de janeiro de 1981, precisamente no dia 18, vários jovens negros morreram em virtude de um incêndio durante uma festa. As causas do incêndio não

foram devidamente investigadas pela polícia, despertando a desconfiança de que poderia ter sido causado intencionalmente. Diante de tamanha desconfiança, grupos que lutavam pelo direito dos negros organizaram uma passeata no Dia da Ação do Povo Negro (*Black People Action Day*), marcado em 2 de março de 1981, resultando em uma grande adesão que contou com mais de 20 mil pessoas¹⁰. A passeata ocupou e percorreu grande parte da cidade de Londres, saindo de Brixton, passando pelo parlamento inglês e terminando com alguns incidentes em uma região chamada Blackfriars. Ocorreu uma discrepância por parte da imprensa sobre como a marcha foi noticiada, pois, enquanto a maioria da imprensa noticiou que boa parte da manifestação foi pacífica, outros jornais de vertente nacionalista e sensacionalista enfatizaram os embates em Blackfriars, mostrando imagens de policiais machucados durante o confronto com manifestantes. Após esse evento, os organizadores da marcha foram presos, incluindo o ativista negro Darcus Howe, acusados de crime de motim.

Nos meses que se seguiram, os crimes em Brixton aumentaram, forçando a polícia local a aumentar a repressão no bairro e em Lambeth. Em pouco tempo, a força policial empregada no bairro, bem como as operações policiais, aumentou consideravelmente. Nesse contexto, a comunidade negra alegava que a polícia passou a agir de forma repressiva contra os negros, que eram constantemente parados nas *blitzen*, agredidos e acusados de crimes pela polícia. Os números das operações policiais realizadas dão conta que 943 pessoas foram paradas e revistas, e 82 foi o número de presos na ação policial batizada de Operação 81.

A eclosão dos maiores protestos ocorreu com a morte do jovem negro chamado Michael Bailey. Os relatos apontam que, por volta de 5h15, um policial avistou um jovem negro, posteriormente identificado como Michael Bailey, correndo em sua direção. Atrás dele, a uma distância maior, en-

⁸ Disponível em: <https://www.bbc.co.uk/newsround/50035769>. Acesso em: 21 ago. 2020.

⁹ Disponível em: <https://www.thetimes.co.uk/article/brixton-burning-the-riots-remembered-rx5zfwxk7g>. Acesso em: 27 fev. 2021.

¹⁰ Disponível em: <https://africasacountry.com/2020/07/revisiting-the-brixton-struggle>. Acesso em: 21 ago. 2020.

contravam-se outros três jovens negros. O policial o parou e percebeu que ele estava sangrando, mas Bailey desviou-se do policial e continuou correndo, parando posteriormente em uma localidade chamada Atlantic Street. Bailey estava com um ferimento causado por faca quando o policial e uma família o ajudaram comprimindo a ferida com um pano e a polícia tentou levar o jovem para um hospital em Railton Road. Uma multidão se acumulou no local, pensando que a polícia estava prendendo o Bailey ou que o levaria para matá-lo, pois havia percebido que ele estava ferido. Havia cerca de 50 pessoas que interceptaram o carro de polícia, retiraram Bailey de dentro e o levaram para o hospital, ocasionando um mal entendido entre a comunidade local e a ação policial, que, naquele momento, estava preocupada em dar o atendimento ao jovem negro¹¹.

O caso de Bailey ganhou repercussão na comunidade afro-caribenha, porém a notícia que se tinha era que a polícia estava tentando matar um jovem negro que havia levado uma facada. Conta-se que cerca de 200 jovens ligaram para a polícia para interceder em relação ao caso Bailey, acreditando que realmente a polícia estava tentando matar o garoto. Em virtude desse episódio, a polícia decidiu aumentar o policiamento em Railton Road, com diversas patrulhas que acirraram as tensões entre a comunidade local e a polícia que intensificou a chamada Operação Pântano 81¹².

Michael Bailey acabou falecendo, e a comunidade local culpou a polícia pela morte do jovem. Como resultado disso, as tensões entre a polícia e a comunidade afro-caribenha aumentaram. Por volta das quatro horas da manhã do dia 11 de abril, dois policiais pararam um táxi que vinha

de Brixton para fazer uma revista. A comunidade, percebendo que a polícia parou o carro, agiu de forma violenta, atirando tijolos contra os policiais e iniciando um confronto maior, que resultou em 46 policiais feridos, sendo cinco deles de forma grave. Começaram os saques na região, dando conta que aproximadamente 300 jovens portando garrafas e tijolos enfrentaram as forças policiais empregadas na Operação Pântano 81.

Policiais de toda a cidade de Londres foram deslocados para a região de Brixton, porém não havia uma estratégia clara de ação e os policiais estavam mal equipados com capacetes de plástico e cassetete. Soma-se a isso a dificuldade que a polícia teve em se comunicar via rádio, o que dificultou a articulação entre os policiais. A solução para a crise foi violenta, pois necessitou enviar aproximadamente mil policiais para Brixton. Por volta de uma hora da manhã do dia 12 de abril, as revoltas foram abafadas, e a maioria dos jovens envolvidos acabou fugindo da polícia. Para reforçar o policiamento para garantir que a revolta não retornasse na manhã do dia 12, totalizaram mais de 2.500 policiais em Brixton. O resultado dos confrontos foram 299 policiais feridos, 61 veículos particulares e 56 veículos da polícia destruídos, 28 prédios queimados e outros 117 danificados e saqueados, com 82 prisões realizadas.

Oh, oh, as armas de Brixton!

Encerro esta reflexão com a letra de *Guns of Brixton* do *The Clash*. Apesar de a música parecer ter sido composta após os confrontos de 1981 em Brixton, na verdade ela foi produzida dois anos antes, sendo lançada no álbum de 1979 chamado *London Calling* (Quadro 1).

¹¹ Disponível em: <https://brixtonblog.com/2015/08/brixton-man-who-drove-stolen-car-into-parked-vehicle-is-jailed/31983/?cn-reloaded=1>. Acesso em: 21 ago. 20.

¹² Disponível em: <https://www.irishtimes.com/news/brixton-not-so-far-from-the-rage-of-1981-despite-elapse-of-30-years-1.565374>. Acesso em: 21 ago. 2020.

Quadro 1 – Comparação entre a letra original e a tradução da música *The guns of Brixton*, do *The Clash*.

The guns of Brixton	As armas de Brixton (tradução)
When they kick at your front door, how you gonna come?	Quando eles arrombam a sua porta, como você reage?
With your hands on your head or on the trigger of your gun	Vem com as mãos na cabeça ou com mão no gatilho da sua arma
When the law break in, how you gonna go?	Quando a lei quebrada por alguém, como você reage?
Shot down on the pavement or waiting on death row	Dá um tiro nele na rua ou espera o corredor da morte
You can crush us, you can bruise us	Você pode nos esmagar, você pode nos machucar
But you'll have to answer to, oh, the guns of Brixton	Mas terá que se entender com, oh, com as armas de Brixton
The money feels good and your life you like it well	O dinheiro faz sua vida ser boa
But surely your time will come as in heaven, as in hell	Mas uma hora sua vez chegará, no céu ou no inferno
You see, he feels like Ivan, born under the Brixton sun	Você verá, ele se sente como Ivan, nascido sob o Sol de Brixton
His game is called survivin' at the end of the harder they come	Seu jogo e chamado sobrevivência, no final só o mais forte fica
You know it means no mercy, they caught him with a gun	você sabe o que significa sem misericórdia, eles o pegaram com uma arma
No need for the Black Maria, goodbye to the Brixton sun	Sem necessidade irá para a Maria Negra, adeus para o Sol de Brixton
You can crush us, you can bruise us	Você pode nos esmagar, você pode nos machucar
Yes, even shoot us, but oh, the guns of Brixton	Mas terá que se entender com, oh, com as armas de Brixton
When they kick at your front door, how you gonna come?	Quando eles arrombam a sua porta, como você reage?
With your hands on your head or on the trigger of your gun	Vem com as mãos na cabeça ou com mão no gatilho da sua arma
You can crush us, you can bruise us	Você pode nos esmagar, você pode nos machucar
Yes, even shoot us, but oh, the guns of Brixton	Mas terá que se entender com, oh, com as armas de Brixton
Shot down on the pavement, waiting in death row	Dá um tiro na rua ou espera o corredor da morte
His game is called survivin' as in heaven as in hell	Seu jogo e chamado sobrevivência, no final só o mais forte fica
You can crush us, you can bruise us	Você pode nos esmagar, você pode nos machucar
But you'll have to answer to, oh, the guns of Brixton	Mas terá que se entender com, oh, com as armas de Brixton
Oh, the guns of Brixton	Oh, as armas de Brixton
Oh, the guns of Brixton	Oh, as armas de Brixton
Oh, the guns of Brixton	Oh, as armas de Brixton

Composição: Paul Simonon.

Fonte: Vagalume.

A letra demonstra uma incitação para o enfrentamento da autoridade policial. Desde a primeira estrofe aponta duas alternativas: ou se render à polícia ou enfrentá-la. Está explícita também a violência policial, pois a primeira frase já ilustra uma ação abusiva da polícia de arrom-

bar a porta. Independentemente da decisão de lutar ou se entregar, a população já se apresenta em desvantagem, sendo vítima de um abuso de autoridade. A letra continua a evocar a luta, pois, quando transfere a narrativa para as ruas novamente, vemos a violência policial ao afirmar

que eles podem nos matar ou nos esmagar, mas terão que se entender com as armas de Brixton.

As armas de Brixton, na profética letra do *The Clash*, em 1979, previam o que foi o violento conflito de 1981. Por mais que as tensões em Brixton já fossem latentes, com recorrentes enfrentamentos entre policiais e a população local, os acontecimentos de abril de 1981 atingiram um patamar muito mais elevado de agressividade, tanto dos policiais quanto dos revoltosos. O saldo de policiais enviados para reprimir a manifestação e o número de autoridades feridas demonstram que sim, a polícia precisou se entender com "as armas de Brixton".

Do ponto de vista macrossocial, os combates em Brixton foram resultados de uma política neoliberal desastrosa de Margaret Thatcher, que, em virtude das desigualdades crescentes, principalmente em bairros como o de Brixton, levaram a descontentamentos que provocaram os levantes populares descritos.

London Calling

London Calling é a música que dá nome ao álbum do *The Clash* de 1979. Assim como na música *Guns of Brixton*, percebemos em *London Calling* todo o descontentamento social expresso na música, surgindo como uma convocação para que as pessoas façam de Londres um cenário de luta contra as desigualdades sociais, levando a eclodir movimentos sociais e aglutinando os jovens contra a repressão policial. A seguir, apresento a música para, em seguida, debater os principais pontos e as aproximações dela com o cenário de caos urbano pelo qual Londres passava no final dos anos 1970.

Assim como *Guns of Brixton*, *London Calling* também reflete as tensões inerentes à relação com a pós-modernidade, com a deterioração dos centros urbanos oriundos das sociedades pós-industriais (Quadro 2).

Quadro 2 – Comparação entre a letra original e a tradução da música *London Calling*, do *The Clash*.

London Calling	Londres Chama (tradução)
London calling to the faraway towns	Chamada de Londres para as cidades distantes
Now war is declared and battle come down	Agora aquela guerra está declarada e a batalha começa
London calling to the underworld	Chamada de Londres para o submundo
Come out of the cupboard, you boys and girls	Saiam das tocas garotos e garotas
London calling, now don't look at us	Londres chama, agora não olhem pra nós
Phony Beatlemania has bitten the dust	Toda aquela falsa Beatlemania comeu poeira
London calling see we ain't got no swing	Londres chama, veja nós não temos balanço (swing)
'Cept for the ring of that truncheon thing	Exceto pelo som do cacete
The ice age is coming, the sun is zooming in	A era do gelo está vindo o sol está sumindo
Meltdown expected and the wheat is growing thin	Degelo é esperado e o trigo está nascendo fino
Engines stop running but I have no fear	Máquinas param de funcionar, mas eu não tenho medo
'Cause London is drowning and I live by the river	Pois Londres está afundando e eu vivo perto do rio
London calling to the imitation zone	Londres chama para a zona de imitação
Forget it, brother, you can go it alone	Esqueça-o, irmão, você pode ir sozinho
London calling to the zombies of death	Chamada de Londres para os zumbis da morte
Quit holding out and draw another breath	Desista de resistir e dê outro suspiro
London calling and I don't wanna shout	Londres chama, e eu não quero gritar
But while we were talking I saw you nodding out	Mas quando estávamos conversando eu vi você cochilando

London calling see we ain't got no highs	Londres chama, veja nós não temos auges
Except for that one with the yellowy eyes	Exceto por aquele com os olhos amarelados
The ice age is coming, the sun is zooming in	A era do gelo está vindo o sol está sumindo
Engines stop running and the wheat is growing thin	Degelo é esperado e o trigo está nascendo fino
A nuclear error but I have no fear	Máquinas param de funcionar, mas eu não tenho medo
'Cause London is drowning and I... I live by the river	Pois Londres está afundando e eu vivo perto do rio
Now get this	Agora se ligue nisso
London calling yeah I was there too	Londres chama yeah, eu estava lá também
An' you know what they said?	E vocês sabem o que eles disseram?
Well some of it was true	Bem, algo ali era verdade
London calling at the top of the dial	Londres chama no topo do dial
After all this won't you give me a smile?	Depois de tudo isso você não vai me dar um sorriso?
London calling	Londres chama
I never felt so much alike	Nunca me senti tão igual

Composição: Mick Jones e Joe Strummer.

Fonte: Vagalume.

A letra da música é uma convocação de Londres para outras cidades da Inglaterra. Ao citar que a guerra está declarada e a batalha começa, a intenção é a de espalhar o recado e incitar rebeliões urbanas por outras localidades, numa evidente ação contrária às medidas neoliberais de Margaret Thatcher. Os excluídos do sistema escolhem instalar o caos nas cidades como reação ao avanço do Estado policial nos bairros de imigrantes, demonstrando que as minorias não pretendiam assistir passivas a todos os desmandos e abusos de autoridade que a polícia praticava nos bairros pobres. Ao chamar garotas e garotos do submundo e dizer que a "beatlemania" comeu poeira, temos o cenário da Londres dos anos 1970, deixando claro que a mentalidade dos jovens deve mudar. Esse rompimento da música com a cultura *pop* dos anos 1960 coloca em xeque alguns valores da modernidade e faz surgir movimentos que olham para as minorias, para o lado sujo de Londres, e nesse contexto, temos alusão à fragmentação da pós-modernidade. Abandonar o *glamour* da beatlemania e colocar o olhar sobre o *underground*, como diz na música,

"os buracos", é olhar para o que estava escondido e agora Londres chama para que seja visto.

Outras passagens remetem ao rompimento com a Londres dos anos 1960 e início dos 1970. Além do fim da beatlemania, surge a estrofe em que "a era do gelo está surgindo e o sol está sumindo"; após, a decadência de Londres se confirma com o naufrágio da cidade, mas o narrador da música está tranquilo, pois ele mora perto do rio. Morar perto do rio é uma alusão aos excluídos da cidade. Estar perto do rio é estar longe da riqueza da velha Londres. As máquinas param, e Londres afunda. As demais passagens da música reforçam a decadência da cidade e o chamamento dos excluídos para expor a Londres dos tempos pós-modernos. Os "zumbis da morte" estavam preparados para avançar e deixar em evidência as contradições de uma cidade tão rica e importante para a Europa, mas que estava buscando esconder suas tensões sociais causadas por um governo que era insensível aos excluídos, preferindo combatê-los com a ajuda da polícia, matando-os ou prendendo-os nos presídios cada vez mais superlotados da Grã-Bretanha.

Conclusão

London Calling e *Guns of Brixton* refletem o momento histórico e as tensões pelas quais Londres passava durante a crise econômica do petróleo dos anos 1970 e os efeitos nocivos do Estado forte guiado por Margaret Thatcher. As músicas são reflexo e uma forma de expressão dos marginalizados, proletários e moradores de bairros periféricos. O confronto ocorrido no bairro de imigrantes, na sua maioria de jamaicanos, no ano de 1981 estava de alguma forma previsto na música *Guns of Brixton*, de 1979. Não que a música fosse uma previsão do futuro, mas os autores da letra estavam fazendo uma leitura crítica da realidade londrina, em que as autoridades policiais continuamente reprimiam as populações pobres da cidade. A ação repressiva da polícia levou ao estopim do que foram os confrontos relatados, estabelecendo uma relação entre a leitura da letra da música e a realidade que foi observada. Como diz a letra, as autoridades precisaram se entender com as "armas de Brixton". *London Calling*, em complemento à letra de *Guns of Brixton* é um chamado para a ação, em que os marginalizados e precarizados deveriam se insurgir contra as autoridades vigentes. Londres está na música chamando para a revolução.

É característico do *punk rock* o teor revolucionário nas letras, mas, no caso das duas apresentadas neste artigo, ocorre uma simbiose entre o contexto histórico e as músicas, sendo possível fazer a análise histórica proposta no artigo articulando os acontecimentos em Londres e as políticas econômicas de Margaret Thatcher com as tensões e a narrativa agressiva das duas canções em relação a uma reação à realidade vivida nos bairros periféricos de Londres. Cabe destacar o esforço teórico e metodológico de aproximar a história com a música, identificar como é possível fazer uma leitura histórica das tensões sociais por meio das composições artísticas de um período. As subjetividades latentes dos compositores estão relacionadas com sua consciência histórica, fazendo com que sejam impressos nas letras das músicas os anseios e as inquietações de determinado grupo social.

Guns of Brixton e *London Calling*, mais do que canções de revolta, são um retrato de um lado obscuro de Londres nos anos 1970, o resultado degeneração das grandes cidades diante de um capitalismo predador, que esgotava as políticas de bem-estar social de outrora.

Referências

- ANTUNES, Ricardo. **Neoliberalismo, trabalho e sindicatos**: reestruturação produtiva no Brasil e na Inglaterra. São Paulo: Boitempo, 1997.
- ALENCAR, Thiago Romão. Devolver os sindicatos aos seus "membros": direito, capital e trabalho na Inglaterra de Margaret Thatcher. **Revista Direitos, Trabalho e Política Social**. Cuiabá, v. 3, n. 4, 2017. Disponível em: <http://revistagi.hospedagemdesites.ws/index.php/rdtps/article/view/68>
- BARROS, José D'Assunção. História e Música: considerações sobre suas possibilidades de interação. **Revista História & Perspectiva**, v. 31, n. 58. Uberlândia, 2018. <https://doi.org/10.14393/HeP-v31n58-2018-2>
- BBC. Black history month: The 1981 Brixton riots. **Newsround**, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.co.uk/newsround/50035769>
- CARRIJO, Daniel Dória Possollo. **A Chicago do Blues em Cadillac Records (2008)**: pensando o lugar sonoro-histórico. 2020. 172 f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.
- HENNESSY, Mark. Brixton not so far from the rage of 1981 despite elapse of 30 years. **Irish Times**, 2011. Disponível em: <https://www.irishtimes.com/news/brixton-not-so-far-from-the-rage-of-1981-despite-elapse-of-30-years-1.565374>
- HOBSBAWN, Eric. **Tempos fraturados**. Trad. Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JUDT, Tony. **Pós Guerra**: uma história da Europa desde 1945. Trad. José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007.
- LOPES, Edmar Aparecido de Barra e. **Welfare State**: teoria e história. Curitiba: CRV, 2018.
- LOWNDES, Joe. Revisiting the Brixton struggle: an interview with Leila Hassan and Farruk Dahondy **Africas a Country**, 2020. Disponível em: <https://africasacountry.com/2020/07/revisiting-the-brixton-struggle>
- MCKLE, Anna. Brixton man who drove stolen car into parked vehicle is jailed. **Brixton Blog**, 2015. Disponível em: <https://brixtonblog.com/2015/08/brixton-man-who-drove-stolen-car-into-parked-vehicle-is-jailed/31983/?cn-reloaded=1>
- MICK, Jones; SIMONON, Paul August; STRUMMER, Joe. **London Calling**. London: Universal Music, 1979. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XN7iEFVlf5c>

MORAES, Reginaldo C. O legado de Margaret Thatcher. **Revista Conjuntura Internacional**, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, 2013. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/conjuntura/article/view/5699>

NAPOLITANO, Marcos. **História & Música**: história cultural da música popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SIMONON, Paul August. **Guns of Brixton**. London: Universal Music, 1979. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JcW8VNwYvLo>

WACQUANT, Loic. **As prisões da miséria**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999.

WAINWRIGHT, Will. Brixton burning... the riots remembered. **The Times**, 2011. Disponível em: <https://www.thetimes.co.uk/article/brixton-burning-the-riots-remembered-rx5zfwxk7g>

Fernando Mendes Coelho

Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR); doutorando em História pela UFPR, em Curitiba, PR, Brasil.

Endereço para correspondência

Fernando Mendes Coelho
Universidade Federal do Paraná
Departamento de História
Rua General Carneiro, 460, 6º andar
Centro, 80060150
Curitiba, PR, Brasil